



Colégio Evangélico Almeida Barros

Data: 17/11/2020

3º ano médio

Profª Ester Paiva

Sociologia

Objetivos da unidade:

- compreender o conceito de processo civilizador de Norbert Elias;
- problematizar as relações de poder pela perspectiva de Norbert Elias e John Scottson;
- problematizar a influência das novas configurações do trabalho nas relações pessoais por meio das reflexões de Richard Sennett.

Relações de poder entre estabelecidos e outsiders, de Norbert Elias 2 Orientação: didática.

Por que existem grupos sociais e indivíduos com maior prestígio e poder em uma dada sociedade? Não é raro observar indivíduos que se reconhecem como "superiores", como "pessoas de bem", "detentoras dos bons costumes" em oposição a grupos que eles consideram "inferiores", "marginais", "estranhos", etc. Por que existem essas distinções entre indivíduos e grupos sociais?

Partindo desses questionamentos, a teoria sociológica de Norbert Elias é de extrema relevância para a análise do período histórico atual, em particular para a compreensão das relações de poder que são estabelecidas entre os indivíduos.

Modernidade e o processo civilizador 4 Orientação: didática.

Em *O processo civilizador*, uma das obras mais conhecidas de Norbert Elias, o sociólogo discute sobre a gradual transformação dos costumes da sociedade europeia na transição para a Modernidade. Elias define como **processo civilizador** (ver **Conceitos sociológicos**) as modificações comportamentais que ocorreram ao longo da história e induziram os indivíduos ao autocontrole de seus impulsos e à interiorização de normas e códigos de conduta. Elias buscava compreender historicamente como os seres humanos passaram a assumir normas de conduta e comportamento nas relações sociais inserindo práticas de "boas maneiras" em seu cotidiano.

O processo civilizador, na concepção de Elias, corresponde a uma mudança operada ao longo do tempo na conduta e nos sentimentos humanos, de forma que harmonizasse os interesses individuais com os interesses coletivos da sociedade. Para tanto, no início, o processo civilizador foi marcado por mecanismos de coerção dos indivíduos,

como punições, penalidades e prisões, que de maneira gradual foram se transformando em mecanismos de autocoerção ou autocontrole dos próprios indivíduos. Desse modo, a educação e as normas de civilidade, que correspondiam a formas de autocontrole, tinham como objetivo garantir a boa convivência do indivíduo em sociedade. Além disso, o autor demonstra que, embora o pudor e a vergonha pareçam ser naturais e inerentes aos seres humanos, na realidade trata-se de sentimentos ensinados e construídos historicamente nas relações sociais.



HOLBEIN, Hans. Retrato de Erasmo de Roterdã. 1523. Óleo e tempera sobre madeira color., 76 cm x 51 cm. National Gallery, Londres.

■ Erasmo de Roterdã (1466-1536) escreveu, no século XVI, um dos principais manuais de civilidade do mundo ocidental, denominado *A civilidade pessoal*. Na obra, Erasmo tem como intuito ensinar aos indivíduos determinadas regras de comportamento e convivência civilizada em diferentes ambientes (à mesa, na convivência com os outros, no modo de vestir-se, etc.), a fim de lutar os seres humanos da "bestialidade" de seus instintos e desejos.



■ Norbert Elias (1897-1990) ficou conhecido por sua obra *O processo civilizador*, publicada em 1939 que aborda as transformações nos costumes ao longo da história. *Werde und Verfall der Zivilisation*.

3 Orientação: didática.

Norbert Elias, ao explicar como ocorreu o longo e lento processo civilizador, aponta a atuação da aristocracia, no sentido de se distinguir dos demais estratos sociais. Utilizando-se de sua posição social privilegiada, a aristocracia adotou diferentes hábitos e costumes, criando para si um novo status social. Como consequência, houve um empoderamento daqueles que seguiam os costumes "nobres" ou "civilizados", e a exclusão social da grande maioria das pessoas que não seguiam tais costumes e assim eram consideradas "sujas", "rudes", "sem modos", em outras palavras, "incivilizadas".



Em outros termos, Norbert Elias observa que a nobreza se utilizou de elementos simbólicos, como as prescrições relativas aos modos de comer, falar, vestir-se e comportar-se, para manter certo distanciamento dos demais grupos sociais e ampliar seu status social. No entanto, o autor destaca que, com o passar do tempo, os comportamentos pertencentes à aristocracia começaram a ser imitados pelos demais estratos sociais, em particular pela burguesia, que aspiravam aos mesmos privilégios e honras.

VIGÉE-LEBRUN, Elizabeth. *Maria Antonieta em trajes de corte*. 1779-1788. 1 óleo sobre tela, color., 223 cm x 158 cm. Palácio de Versalhes, Versalhes.

► O vestuário, assim como os modos de falar e agir, era usado pela nobreza para se diferenciar das demais camadas sociais. Observe a postura, o traje e o penteado de Maria Antonieta, que ficou historicamente conhecida pelo uso de roupas e acessórios rebuscados e luxuosos na Corte francesa.



Atitude sociológica

5 Gabarito.

O controle mais rigoroso de impulsos e emoções é, no início, imposto por elementos de alta categoria social aos seus inferiores ou, no máximo, aos seus socialmente iguais. Só relativamente mais tarde, quando a classe burguesa, compreendendo um maior número de pares sociais, torna-se a classe superior, governante, é que a família vem a ser a única – ou, para ser mais exata, a principal e dominante – instituição com a função de instilar controle de impulsos. Só então a dependência social da criança face aos pais torna-se particularmente importante como alavanca para a regulação e a moldagem socialmente requeridas dos impulsos e das emoções.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 142.

1. Com base na leitura do texto e nos seus conhecimentos sobre o processo civilizador de Norbert Elias, descreva como ocorreu a transição dos mecanismos públicos de coerção dos indivíduos para as formas privadas de controle dos impulsos e das emoções.
2. Qual é a importância da família para o desenvolvimento do processo civilizador? Apresente exemplos práticos de como a família auxilia na "regulação e moldagem socialmente requeridas dos impulsos e das emoções".

Um estudo sobre os estabelecidos e os outsiders 6 | Orientação didática

Na obra *Os estabelecidos e os outsiders*, Norbert Elias e John Scotson apresentam os resultados de uma pesquisa realizada no fim da década de 1950 e início de 1960. Nela, descrevem as relações de poder em uma pequena comunidade, de nome fictício Winston Parva, próxima à cidade de Leicester, na Inglaterra. Os autores descrevem a comunidade como sendo formada por três diferentes zonas ou bairros:



Elias e Scotson identificaram um contexto bastante peculiar em Winston Parva: embora fosse constituída por uma população homogênea, havia uma nítida separação entre dois grupos sociais. Enquanto os moradores das zonas 1 e 2 formavam o grupo **estabelecido** no local, ocupando posições de prestígio e poder na comunidade, os moradores da zona 3 assumiam a posição de **outsiders** (que pode ser traduzido como “**marginais**” ou “**excluídos**”), sendo marginalizados pelos demais habitantes.

Os autores demonstram que não havia diferenças significativas entre os habitantes de Winston Parva em aspectos como nacionalidade, etnia, renda, ocupação, nível educacional e padrões habitacionais. As zonas 2 e 3 eram ocupadas predominantemente por trabalhadores e a única diferença consistia no tempo de residência. No entanto, os autores apontam que esse simples critério era suficiente para impor uma barreira de convivência entre os antigos moradores da região e seus vizinhos mais recentes.

Ao observar o exemplo dessa comunidade, pode-se questionar sobre o que fundamenta a separação entre dois grupos sociais tão próximos e parecidos entre si. Afinal, quais seriam os fatores que justificariam, naquele contexto social, a segregação dos moradores mais recentes?

Para Elias e Scotson, ao estarem estabelecidos na comunidade por gerações, os antigos habitantes formaram entre si fortes vínculos sociais, de parentesco e amizade. Tais moradores tinham uma história em comum, na qual compartilhavam os acontecimentos particulares de suas vidas e da comunidade em que estavam inseridos. Por outro lado, os novos moradores não partilhavam dos mesmos vínculos sociais nem tinham laços com a comunidade em que ingressaram. Por esse motivo, na visão dos moradores antigos, os novos vizinhos representavam uma ameaça à estabilidade e à ordem social da comunidade, motivo pelo qual os tratavam como “humanamente inferiores”.

A oposição entre estabelecidos e *outsiders*, entre os “de dentro” e os “de fora”, é explorada pelos pesquisadores a fim de explicar as relações de poder entre moradores antigos e recentes de uma mesma comunidade. Elias e Scotson perceberam as tensões e a distância social entre membros comunitários, em que os moradores recentes (*outsiders*) eram alvo constante de desconfiança, de fofocas depreciativas e do menosprezo dos antigos moradores do povoado (estabelecidos). Tal relação conflituosa também tinha como reflexo a exclusão dos novos moradores das organizações e instituições políticas da comunidade, como associações, igrejas, escolas, etc.